



Contém receitas de
dar água na boca!

Jenny
COLGAN
A adorável
loja de
chocolates
de
Paris

"Você vai devorar este
livro de uma vez só."

SOPHIE KINSELLA

A adorável
loja de
chocolates
de
Paris



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Jenny
COLGAN
A adorável
loja de
chocolates
de
Paris



Título original: *The Loveliest Chocolate Shop in Paris*

Copyright © 2013 por Calibris Ltd.

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alessandra Esteche

preparo de originais: Renata Dib

revisão: Ana Grillo, Juliana Souza, Livia Cabrini e Taís Monteiro

projeto gráfico e diagramação: Natali Nabekura

capa: Kate Forrester

adaptação de capa: Renata Vidal

foto da autora: © Charlie Hopkinson

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C659a

Colgan, Jenny

A adorável loja de chocolates de Paris [recurso eletrônico] / Jenny Colgan;
tradução de Alessandra Esteche. – São Paulo: Arqueiro, 2020.
recurso digital

Tradução de: The loveliest chocolate shop in Paris

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-306-0169-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

20-63337

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

A dica definitivamente está no título! Se você ama chocolate e ama Paris (ou acha que pode amar um dia – não se preocupe, esse dia vai chegar; a cidade não muda tanto assim), então este livro foi escrito para você.

Jenny Colgan

Sumário

Uma mensagem aos leitores

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Epílogo

Receitas

Agradecimentos

Sobre a autora
Informações sobre a Arqueiro



Uma mensagem aos leitores

Existem muitas lojas maravilhosas de chocolate artesanal em Paris. A minha preferida é a Patrick Roger, na rue du Faubourg Saint-Honoré. Recomendo muito a visita e o chocolate quente, não importa a estação. A loja é administrada pelo epônimo Patrick, um sujeito de cabelo cacheado alegre e galanteador.

Este livro não é baseado especificamente em nenhuma dessas lojas, e sim no princípio de que, quando as pessoas dedicam a vida a algo que amam e que sabem fazer, coisas incríveis podem acontecer.

Alguém um dia disse que amamos chocolate tanto assim porque ele derrete na mesma temperatura do interior da nossa boca. Cientistas também falam sobre a liberação de endorfina e etc., que pode ser a justificativa química para esse amor, mas, qualquer que seja a explicação, chocolate é mesmo uma coisa maravilhosa.

E não são apenas as mulheres que adoram. Eu não posso entrar em casa com um pacote de biscoitos de chocolate escondido que meu marido já sente o cheiro e devora tudo. Por isso, incluí algumas receitas encantadoras neste livro. Gosto de pensar que, conforme vou ficando mais velha, posso realmente preparar receitas com chocolate em vez de, você sabe, comer tudo “sem querer” assim que entro em casa ou, às vezes, ainda no carro.

Quando moramos na França (por causa do trabalho do meu marido), fiquei surpresa ao descobrir que os franceses levam o chocolate tão a sério quanto

qualquer outra comida. La Maison du Chocolat é uma rede bastante sofisticada presente na maioria das cidades. Lá, você pode conversar com o *chocolatier* sobre o tipo de chocolate que deseja e o que mais gostaria de comer da mesma forma que fala sobre vinho com um *sommelier*. No meu caso, uma boa barra de Dairy Milk, Toblerone ou, o meu favorito, Fry's Chocolate Cream (natural) já me satisfaz. Nem tudo precisa ser luxuoso para ser apreciado. Infelizmente, meus filhos chegaram à idade em que está ficando óbvio quem é o responsável por roubar as barras de Kinder das lembrancinhas de festa. Crianças, hã... olhem só, eu odeio ter que dizer isto, mas com certeza foi seu pai.

Antes de começarmos, quero falar um pouco sobre idiomas. Pela minha experiência, aprender outra língua é difícil pra caramba, a não ser que você seja uma daquelas pessoas que aprendem as coisas em dois segundos. Nesse caso, eu diria blé (essa sou eu mostrando a língua) para você porque estou com muita inveja.

Nos livros, é comum que, quando os personagens falam em língua estrangeira, isso seja indicado no texto. Preferi não fazer isso aqui. Basicamente qualquer pessoa com quem Anna fala em Paris responde em francês, a não ser que eu indique o contrário. E, nesse caso, nós pensaríamos: “Uau, que INCRÍVEL, ela aprendeu tão rápido!” É claro que Anna tem muitas aulas com Claire, mas, se você já estudou uma segunda língua, sabe que podemos ser muito confiantes nas aulas e depois ir para outro país, onde todos falam a mil por hora, e entrar em pânico porque não entendemos uma única palavra. Com certeza foi o que aconteceu comigo.

Então você precisa acreditar que é exatamente assim para Anna, mas, para que eu não me repetisse sem parar e atravancasse a história, cortei as inúmeras vezes em que ela pergunta “O quê?” ou “Você pode repetir, por favor?”, ou os momentos em que ela precisa consultar o dicionário.

Espero que você goste, e me conte depois como se saiu com as receitas.
Bon appétit!

Jenny



Capítulo um

O mais estranho era que, embora naquele instante eu soubesse que havia algo errado – muito, muito errado, algo grave, algo muito sério, uma afronta a todo o meu corpo –, não conseguia parar de rir. Eu ria escandalosamente.

Eu estava deitada, coberta – encharcada – de chocolate derretido e não conseguia parar de rir. Havia outros rostos agora, me olhando de cima, e eu tinha certeza de que reconhecia alguns. Eles não estavam rindo. Aliás, todos pareciam muito sérios. Por algum motivo isso deixava tudo ainda mais engraçado, e eu desatei a rir de novo.

Da lateral, ouvi alguém dizer:

– Junte!

– Não mesmo! Junte você! Que nojo! – rebateu outra pessoa.

Então distingi uma terceira voz, que achei ser do Flynn, o garoto novo do estoque:

– Vou ligar para o 911.

– Flynn, não seja burro, esse número de emergência só funciona nos Estados Unidos – retrucou alguém.

– Acho que agora aqui também é 911, por causa da quantidade de idiotas que insistiam em ligar para esse número – argumentou outra voz.

E uma pessoa pegando o celular e dizendo algo sobre precisar de uma ambulância, o que também achei hilário, e depois outra, que definitivamente era Del, nosso zelador velho e rabugento, falando:

– Bom, eles devem querer jogar essa leva fora, então.

E a ideia de que pudessem não jogar fora o tonel enorme de chocolate, e sim tentar vender, sendo que tinha caído tudo em cima de mim, era realmente engraçada.

Depois disso, graças a Deus, não me lembro de mais nada, embora mais tarde, no hospital, um dos caras da ambulância tenha me dito que eu estava completamente maluca durante o caminho, e que ele sempre soube que o choque afetava as pessoas de maneiras diferentes, mas que a minha experiência era a mais diferente que ele já tinha visto. Então o homem viu meu rosto e disse:

– Ânimo, querida, você vai rir de novo.

Mas, naquele momento, eu já não tinha mais tanta certeza.



– Ah, Debs, querida, pare com isso, foi só o pé dela. Podia ter sido muito pior. E se fosse o nariz?

Esse era meu pai falando com minha mãe. Ele gostava de ver o lado bom das coisas.

– Bom, eles poderiam ter feito um novo. Ela odeia o nariz mesmo.

Essa definitivamente era a minha mãe. Ela não é tão boa quanto meu pai em enxergar o lado positivo. Aliás, eu conseguia ouvi-la soluçar. Mas, de alguma forma, meu corpo evitava a luz. Eu não conseguia abrir os olhos. Não parecia ser só uma lâmpada. Parecia o sol ou algo do gênero. Talvez eu estivesse de férias. Não podia estar em casa, porque o sol nunca aparece em Kidinsborough, minha cidade natal, eleita a pior cidade da Inglaterra por três anos seguidos antes que a pressão política local tirasse o programa de TV do ar.

Meus pais saíram do alcance dos meus ouvidos, como se alguém estivesse sintonizando um rádio. Não fazia ideia se eles estavam lá ou se tinham estado em algum momento. Eu sabia que não estava me mexendo, mas era como se estivesse me contorcendo, trancada numa prisão em formato de corpo na qual

alguém havia me colocado. Eu poderia gritar, mas ninguém ia ouvir. Tentei me mexer, mas não funcionou. O brilho se transformava em escuridão e voltava a ser sol, e nada fazia o menor sentido para mim enquanto eu tinha – ou vivia – os piores pesadelos sobre dedos, pés, pais que desapareciam de repente, a possibilidade de estar enlouquecendo e de, na verdade, ter sonhado com toda aquela outra vida, a parte em que eu era Anna Trent, 30 anos, degustadora em uma fábrica de chocolates.

Aliás, já que estamos falando disso, aqui estão as minhas respostas para as dez perguntas ou afirmações sobre ser degustadora em uma fábrica de chocolates que mais ouço na Faces, a boate local. Não é uma boate muito boa, mas as outras são muito, muito piores:

1. Sim, eu posso te dar amostras grátis.
2. Não, não sou tão gorda quanto você claramente esperava que eu fosse.
3. Sim, é igualzinho ao filme *A fantástica fábrica de chocolate*.
4. Não, ninguém nunca fez cocô no tonel de chocolate. (Mas eu não colocaria a mão no fogo pelo Flynn.)
5. Não, isso não faz de mim uma pessoa mais popular que as outras, afinal tenho 30 anos, não 7.
6. Não, não fico enjoada de ver chocolate – eu adoro chocolate –, mas se acreditar nisso faz com que você se sinta melhor em relação ao seu trabalho, fique à vontade.
7. Ah, é tão interessante que você tenha algo ainda mais gostoso do que chocolate na sua cueca [bocejo]... (Veja bem, eu queria ter coragem suficiente para dizer isso, mas normalmente só faço uma cara feia e desvio o olhar por um momento. Minha melhor amiga, Cath, logo dá um jeito nesses caras. Ou, às vezes, fica com eles.)
8. Sim, posso sugerir sua ideia de chocolate sabor amendoim/cerveja/vodca/geleia, mas não acho que vamos ficar tão ricos quanto você pensa.
9. Sim, eu sei fazer chocolate de verdade, mas na Brader's Family Chocolates eles são processados automaticamente em um tonel enorme e estou mais para supervisora. Eu gostaria de ter um trabalho mais

complexo, mas, segundo os chefes, ninguém quer que metam a mão em seu chocolate, as pessoas querem que ele tenha sempre o mesmo gosto e dure bastante tempo. Então é um processo bem artificial.

10. Não, não é o melhor emprego do mundo. Mas é o que eu tenho e eu gosto dele. Ou pelo menos gostava, até vir parar aqui.

Mas normalmente, na boate, eu só digo “Rum com coca, obrigada”.

– Anna.

Havia um homem sentado ao pé da minha cama. Não conseguia focalizá-lo. Ele sabia meu nome, mas eu não sabia o dele. Isso parecia injusto. Tentei abrir a boca. Estava cheia de areia. Alguém tinha colocado areia na minha boca. Por que faziam isso?

– Anna. – A voz chamou de novo. Definitivamente era real. Definitivamente pertencia à sombra ao pé da minha cama. – Está me ouvindo?

Eu queria dizer “Bom, é claro que estou ouvindo, você está sentado ao pé da minha cama gritando comigo”, mas só consegui emitir um resmungo seco.

– Ótimo, ótimo, muito bom. Quer água?

Assenti. Parecia mais fácil.

– Bom, bom. Não mexa muito a cabeça, pode tirar os fios do lugar. ENFERMAGEM!

Não sei se alguém da enfermagem veio ou não. De repente, estava apagada de novo. Meu último pensamento foi que eu esperava que a pessoa não se importasse de ser chamada aos gritos. E não conseguia lembrar: meus pais disseram que havia algo errado com o meu nariz?



– Aqui está ela.

Era a mesma voz, mas não sei quanto tempo depois. A luz parecia diferente. Um choque súbito de dor percorreu meu corpo como um raio, e eu ofeguei.

– Pronto, é isso. Ela vai ficar ótima.

Pai.

– Ah, eu não estou gostando nada disso.

Mãe.

– Hum... pode me dar aquela água? – perguntei, mas o que saiu foi: “Pó dá á?”

Felizmente, alguém falava a língua do deserto de areia, porque, no mesmo instante, um copo de plástico foi colocado em meus lábios. Aquele copinho de água morna e calcária da torneira era a melhor coisa que eu já tinha colocado na boca em toda a minha vida, e isso inclui a primeira vez que comi um Creme Egg, aquele bombonzinho maravilhoso em formato de ovo. Engoli e pedi mais, só que alguém disse não e ficou por isso mesmo. Talvez eu estivesse na prisão.

– Você pode abrir os olhos? – indagou a voz, autoritária.

– É claro que ela pode.

– Ah, Pete, eu não sei. Não sei.

Estranhamente, foi em parte para contrariar a falta de fé que minha mãe depositava em mim no quesito abrir os olhos que tentei abri-los com vontade. Pisquei e, de repente, com a visão um pouco embaçada, avistei a figura sentada ao pé da minha cama que eu vira antes – desejei que ele saísse dali – e duas formas que me eram tão familiares quanto minhas próprias mãos.

Consegui distinguir o cabelo ruivo da minha mãe, que ela pintava em casa embora Cath tivesse se oferecido para fazer o serviço no salão por um preço que julgava irrisório, mas que minha mãe achava uma extravagância (ela também achava que Cath era irresponsável, o que era verdade, embora isso nada tivesse a ver com seu talento para lidar com cabelos, que, para dizer a verdade, também não era grande). Por isso, durante cerca de uma semana, todo mês, minha mãe ficava com uma faixa estranha cor de hena no topo da testa onde não tinha limpado a tinta direito. E meu pai estava com sua melhor camisa, o que me deixou muito preocupada. Ele só se vestia desse jeito para ir a casamentos e velórios, e eu tinha quase certeza de que não ia me casar, a não ser que Darr tivesse nascido de novo com uma personalidade completamente diferente, o que eu achava improvável.

– Oi? – falei.

Parecia que o deserto de areia estava recuando, que a divisão entre o real e a bola arenosa e angustiante de confusão e dor estava desaparecendo, que Anna tinha retornado, que o corpo em que eu estava era meu, afinal.

– Querida!

Minha mãe caiu no choro. Meu pai, que não é propenso a grandes demonstrações de afeto, apertou minha mão com delicadeza – a mão, notei, que não tinha um tubo enorme enfiado por debaixo da pele. Minha outra mão tinha. Era a coisa mais aflitiva que eu já tinha visto em toda a minha vida.

– Argh! – exclamei. – O que é isso? É nojento.

A figura ao pé da minha cama sorriu com bastante condescendência.

– Creio que você acharia as coisas muito mais nojentas se isso não estivesse aí – disse. – É para administrar analgésicos e outros medicamentos.

– Bom, será que daria para administrar mais? – perguntei.

A dor aguda atravessou meu corpo mais uma vez como um relâmpago, dos dedos do pé esquerdo até o topo da cabeça.

De repente, percebi outros tubos, alguns entrando e saindo de lugares sobre os quais eu não queria falar na frente do meu pai. Fiquei quieta. Me sentia muito, muito estranha.

– Sua cabeça está rodando? – quis saber a figura ao pé da cama. – Isso é muito comum.

Minha mãe ainda estava choramingando.

– Está tudo bem, mãe.

O que ela disse em seguida me provocou um frio na espinha.

– Não está tudo bem, querida. Não está nada bem.



Durante os dias que se seguiram, eu caí no sono em momentos totalmente aleatórios. O Dr. Ed – era assim que ele se referia a si mesmo, como se fosse um médico de novela ou algo do gênero – vinha e se sentava ao pé da cama, o que os outros médicos não faziam, e olhava em meus olhos como se estivesse fazendo um grande esforço para estar ali comigo pessoalmente.

Acho que eu preferia o médico arrogante que aparecia uma vez por semana, mal olhava para mim e fazia perguntas constrangedoras aos alunos de medicina que levava junto.

De qualquer forma, graças às minhas conversas amigáveis com o Dr. Ed, eu estava começando a me lembrar de muito do que tinha acontecido. Eu escorregara na fábrica – todos ficaram muito empolgados se perguntando se haveria alguma norma de saúde e segurança que não fora seguida e se íamos todos ficar milionários, mas, no fim das contas, a culpa tinha sido toda minha. Era um dia de primavera com um calor incomum e decidi experimentar meus sapatos novos, que se revelaram ridiculamente inadequados para o piso da fábrica – eu escorreguei e, em pânico, bati na escada de um tonel e a coisa toda virou. Em seguida vim para o hospital e fiquei doente.

– Um bichinho tentou me infectar? – perguntei ao Dr. Ed.

– Bom, sim, foi mais ou menos isso – respondeu ele, sorrindo e revelando dentes exageradamente brancos que deviam ter passado por clareamento. Talvez ele estivesse praticando para aparecer na televisão. – Não um bichinho do tamanho de uma aranha, Anna.

– Eu sei que não – falei, irritada.

Ele jogou o cabelo para o lado.

– Bom, essas coisas são muito, muito pequenas, tão pequenas que você não conseguiria enxergar mil delas mesmo que estivessem sentadas bem aqui no meu dedo!

Talvez houvesse algo errado no meu prontuário, talvez houvesse a informação de que, em vez de quase 31 anos, na verdade eu tinha 8.

– Não ligo para o tamanho. Eles fazem com que eu me sinta muito mal.

– E é por isso que estamos lutando contra eles com todas as armas que temos! – disse o Dr. Ed, como se ele fosse o Super-Homem.

Não mencionei o fato de que, se todo mundo tivesse limpado o lugar com todos os esfregões disponíveis, eu provavelmente não teria sido infectada, para começo de conversa.

Além do mais, ah, meu Deus, eu estava muito agitada. Não tinha vontade de comer nem beber nada que não fosse água (meu pai trouxe marshmallows e minha mãe quase bateu nele, porque ela tinha certeza absoluta de que iam

ficar presos na minha garganta e eu ia morrer bem ali na frente deles). Eu dormia muito e, quando não estava dormindo, não me sentia bem o bastante para assistir TV, ler, conversar com as pessoas ao telefone ou qualquer coisa do tipo. Meu Facebook estava cheio de mensagens, de acordo com as notificações no meu celular (eu checava em segredo), que alguém – Cath, eu suspeitava – tinha conectado na tomada ao lado da minha cama, mas eu não estava preocupada em ler nenhuma delas.

Eu me sentia diferente, como se tivesse acordado em uma terra estranha onde ninguém falava minha língua – nem minha mãe, nem meu pai, nem meus amigos. Era a língua de dias estranhos e nebulosos, quando nada fazia muito sentido, de dor constante, quando era quase impossível cogitar a hipótese de me mexer, ainda que fosse só para estender o braço até o outro lado da cama. A terra dos doentes parecia um lugar muito diferente, onde você era alimentado por terceiros, as pessoas mexiam em você o tempo inteiro e todos falavam como se você fosse uma criança, e você estava sempre, sempre com calor.



A escola aparecia muito em meus sonhos febris. Eu odiava a escola. Minha mãe sempre dizia que ela não era muito estudiosa, então eu também não seria, e isso praticamente definiu as coisas, o que, em retrospectiva, parece bem ridículo. Por isso, durante muito tempo, quando tinha alucinações com o rosto dos meus antigos professores, eu não levava muito a sério. Então um dia acordei bem cedo, quando o hospital ainda estava no momento mais silencioso, o que nem era tão silencioso assim, e virei a cabeça devagar para uma cama ao meu lado. Ali, vi a Sra. Shawcourt, minha ex-professora de francês, não em um sonho ou uma alucinação. Ela me olhava calmamente.

Pisquei para ver se ela desaparecia. Não desapareceu.

Eu estava em uma enfermaria pequena, com quatro camas, o que parecia estranho. Ou eu estava com alguma coisa contagiosa ou não. As outras duas camas estavam vazias naquele instante, mas, durante o tempo que passei lá,

tiveram uma rotatividade alta de senhoras que pareciam não fazer muita coisa além de chorar.

– Olá – disse a Sra. Shawcourt. – Eu conheço você, não conheço?

De repente senti um rubor no rosto, como se eu não tivesse feito o dever de casa.

Eu nunca fazia o dever de casa. Cath e eu costumávamos matar aula – era francês, uma matéria completamente inútil, quando iríamos precisar daquilo? – ou então sentávamos na fileira do fundo, onde os professores não nos viam, e ficávamos batendo papo com uma imitação do sotaque de Manchester, falando sobre como Kidinsborough era um saco e que iríamos embora na primeira chance que tivéssemos.

– Sou Anna Trent – respondi, fazendo que sim com a cabeça.

– Você foi minha aluna durante dois anos.

Olhei-a com mais atenção. A Sra. Shawcourt sempre chamara atenção na escola como a mais bem-vestida, pois a maioria dos professores era um bando de relaxados. Ela tinha uns vestidos que caíam muito bem e a valorizavam; dava para perceber que não tinham sido comprados numa loja de departamentos. Seu cabelo era loiro na época...

Percebi, um pouco chocada, que ela não tinha nenhum cabelo. E que estava muito magra também. Ela sempre fora magra, mas agora...

Então falei a coisa mais idiota em que poderia pensar – em minha defesa, eu não estava nada bem.

– Você está doente?

– Não – respondeu a Sra. Shawcourt. – Estou de férias.

Houve uma pausa, depois dei um sorriso torto. Lembrei que, na verdade, ela era uma ótima professora.

– Sinto muito por seus dedos – comentou ela, abrupta.

Olhei para a faixa que cobria meu pé esquerdo.

– Ah, eles vão ficar bem. Foi só um tombo – expliquei.

Então vi seu rosto. E percebi que, durante todo aquele tempo, as pessoas falavam sobre minha febre, minha doença, meu acidente, mas ninguém tinha pensado em me contar toda a verdade.



Mas não podia ser verdade. Eu conseguia senti-los ali.

Olhei para ela, que sustentou o olhar sem piscar.

– Eu estou sentindo eles – falei.

– Não acredito que ninguém te contou – disse a Sra. Shawcourt. – Malditos médicos.

Olhei para a faixa outra vez. Tive vontade de vomitar. Então vomitei em uma das muitas aparadeiras que tinham deixado ao lado da minha cama.



O Dr. Ed veio mais tarde e se sentou na minha cama. Olhei para ele de cara feia.

– Bom... – começou ele, checando as anotações. – Anna, sinto muito que você não estivesse ciente da gravidade da situação.

– Porque você ficava falando de “acidentes” e “incidentes lamentáveis” – retruquei, irritada. – Eu não tinha percebido que eles não estavam mais ali. Mas eu consigo senti-los. Eles estão doendo muito.

O médico assentiu.

– Isso é muito comum, infelizmente.

– Por que ninguém me contou? Todo mundo só ficava falando de febre, bichinhos e não sei mais o quê.

– Era com essas coisas que estávamos preocupados. É bem menos provável que você morra por ter perdido alguns dedos.

– Bom, ótimo saber. E não são “alguns dedos”. São os MEUS dedos.

Enquanto conversávamos, uma enfermeira tirava delicadamente as ataduras do meu pé. Engoli em seco, com medo de vomitar mais uma vez.

Você já participou daquela brincadeira em que você se deita de bruços com os olhos fechados e alguém puxa seus braços esticados acima da cabeça e

depois os abaixa bem devagar, o que dá a impressão de que eles estão afundando em um buraco?

Essa era a sensação. Meu cérebro não conseguia assimilar o que via, o que sentia e sabia que era verdade. Meus dedos estavam ali. Eles *estavam ali*. Mas, diante dos meus olhos, havia um corte diagonal curioso – dois tocos minúsculos arrancados em uma linha reta, como se alguém tivesse feito isso meticulosamente com uma lâmina.

– Agora – disse o Dr. Ed –, saiba que você é, na verdade, muito sortuda, porque, se tivesse perdido o dedão ou o dedinho, teria problemas sérios de equilíbrio...

Olhei para ele como se ele estivesse falando grego.

– Eu definitivamente não me sinto sortuda.

– Imagine se você fosse eu – falou uma voz de trás da cortina ao lado, onde a Sra. Shawcourt esperava pela próxima sessão de quimioterapia.

De repente, do nada, nós duas começamos a rir.



Fiquei no hospital por mais três semanas. Muitos amigos foram me visitar, disseram que eu tinha aparecido no jornal, perguntaram se podiam ver (não; mesmo quando trocavam o curativo, eu não conseguia olhar para os meus dedos) e me mantiveram a par dos acontecimentos sociais – o que me fez perceber que, de repente, eu não tinha mais interesse neles. Na realidade, a única pessoa com quem eu conseguia conversar era a Sra. Shawcourt, mas é claro que ela disse para chamá-la de Claire, algo com que precisei me acostumar e que fez com que eu me sentisse um pouco adulta demais. Ela tinha dois filhos que iam visitá-la, e eles sempre pareciam ter pouco tempo, mas as noras dela eram muito gentis e sempre me davam suas revistas de fofocas, porque Claire não gostava muito desse tipo de leitura. Um dia eles levaram duas garotinhas, que ficaram muito assustadas com os fios, o cheiro e o barulho dos aparelhos. Foi a única vez que vi Claire realmente triste.

No resto do tempo, nós conversávamos. Bom, *eu* falava. Principalmente

sobre como estava entediada e como nunca mais ia conseguir andar direito. Uma coisa que eu nunca tinha pensado – a não ser quando ia na pedicure, e na verdade nem assim – era que os dedos dos pés eram irritantemente úteis para a locomoção. E o mais vergonhoso era que eu tinha que usar a mesma sala de fisioterapia que as pessoas com ferimentos traumáticos terríveis e em cadeiras de rodas e coisas do tipo. Eu me sentia a maior das fraudes, marchando de um lado para outro em barras paralelas com um ferimento que a maioria delas achava engraçado. Então eu não tinha muito motivo para reclamar. Mas reclamava.

Claire entendia. Ela era uma companhia tão agradável... Às vezes, quando minha ex-professora estava se sentindo muito mal, eu lia para ela. O problema era que a maioria de seus livros era em francês.

– Não sei ler isso – falei na primeira vez.

– Deveria saber – respondeu ela. – Você foi minha aluna.

– É... – resmunguei.

– Você era uma boa aluna. Demonstrava muita aptidão, eu me lembro.

Naquele instante, meu boletim do primeiro ano surgiu na minha cabeça. Em meio aos “não se dedica” e “poderia se sair melhor”, de repente lembrei que minhas notas em francês eram boas. Por que não me dediquei?

– Eu achava que a escola não servia pra nada – expliquei.

Claire balançou a cabeça.

– Mas eu conheci seus pais, eles são adoráveis. Sua família é ótima...

– É que você não precisa morar com eles.

Depois de falar isso, me senti culpada por ter sido maldosa. Eles iam me visitar todos os dias, embora, segundo as reclamações constantes do meu pai, o preço do estacionamento fosse um absurdo.

– Você ainda mora com eles? – indagou Claire, surpresa, e eu fiquei um pouco na defensiva.

– É. Morei com meu namorado por um tempo, mas ele acabou se revelando um idiota, então voltei a morar com meus pais, só isso.

– Entendo. – Claire olhou para o relógio. Ainda eram nove e meia da manhã. Já estávamos acordadas havia três horas e o almoço era só ao meio-dia. – Se você quiser... também estou entediada. Se eu te ensinasse francês,

– Você poderia ler para mim. E eu me sentiria menos como uma ameixa gigante careca e doente que não faz nada além de pensar no passado e se sentir velha, idiota e inútil. O que acha?

– Olhei para a revista em minhas mãos, que tinha uma foto enorme da bunda da Kim Kardashian. E ela tinha dez dedos nos pés.

– Ok, eu topo – respondi.



1972

– *Não é nada – disse o rapaz, erguendo a voz para se fazer ouvir por sobre a brisa espessa do mar, as buzinas das balsas e o barulho do trem. – É minúsculo... veja, La Manche. Dá para atravessar a nado.*

Isso não ajudou a conter a maré de lágrimas que escorria pelo rosto da garota.

– *Eu atravesso – afirmou ela. – Vou atravessar por você.*

– *Você vai voltar, terminar os estudos, fazer coisas incríveis e ser feliz.*

– *Eu não quero. Quero ficar aqui com você.*

O rapaz fez uma careta e tentou, com beijos, conter as lágrimas dela, que pingavam no uniforme novo e estranhamente brilhante dele.

– *Bem, eles vão me fazer marchar para cima e para baixo sem parar, sabia? E eu serei um idiota com mais nada para fazer e pensar a não ser em você. Ssh, bout de chou. Ssssh. Vamos ficar juntos de novo, você vai ver.*

– *Eu te amo – disse a garota. – Nunca mais vou amar tanto alguém em toda a minha vida.*

– *Também te amo. Eu te adoro e vou te ver de novo. Vou escrever cartas e você vai terminar os estudos. Tudo vai ficar bem, você vai ver.*

Os soluços da garota começaram a silenciar.

– *Não consigo... Eu não aguento – afirmou ela.*

– *Ah, querida. A vida é isto: a necessidade de aguentar as coisas. – Ele enterrou o rosto no cabelo dela. – Alors, meu amor. Volte logo.*

– *Vou voltar – prometeu a garota. – É claro que vou.*



Capítulo dois

Meus dois irmãos pararam de me visitar assim que ficou claro que eu não ia morrer. Eu os amava, mas, aos 22 e aos 20 anos, você tem muitas outras coisas para fazer que não envolvem conversar com a irmã mais velha esquisita que está no hospital sobre o acidente esquisito que ela sofreu. Cath, que Deus a abençoe, é claro que ela foi ótima, eu não teria conseguido enfrentar isso sem a minha amiga, mas ela trabalhava muito no salão de beleza, que ficava a 45 minutos de ônibus do hospital, então não podia ir me visitar com tanta frequência, mas eu ficava muito feliz quando ela aparecia.

Cath gostava de me contar quem tinha ganhado o título de pior penteado da semana e como tinha tentado convencer a pessoa a fazer algo diferente. Mas a cliente insistia assim mesmo, louca para copiar a Shakira ou alguém de algum programa de televisão, ainda que seu cabelo fosse castanho, oleoso e curto, e não fosse aguentar os apliques, o que significava que a tal cliente voltaria em uma semana gritando e ameaçando processar o salão porque o pouco cabelo que restava estava caindo.

– Eu aviso, mas elas não me escutam. Ninguém me escuta – reclamou Cath.

Ela me obrigou a me olhar no espelho do banheiro e dizer a mim mesma que ia ficar tudo bem. Eu estava horrível. Meus olhos estavam sempre vermelhos por causa dos antibióticos e às vezes também pareciam meio amarelados. Meu cabelo cacheado que, graças a Cath, costumava ser loiro estava agora com a raiz aparecendo, além de estar cheio de frizz e todo sem

jeito. Minha pele pálida tinha a cor e a textura do mingau do hospital. Cath tentava me dizer coisas animadoras, primeiro porque ela é assim, e depois porque precisa dizer essas coisas o tempo todo no salão para mulheres que chegam fazendo pedidos impossíveis de serem atendidos.

Então em boa parte do tempo éramos só eu e Claire. Era uma situação estranha, porque ficamos íntimas muito mais rápido do que eu imagino que teria acontecido em outro contexto. Mas também percebi, um pouco chocada, que eu me sentia realmente feliz por não estar mais com Darr. Ele era um cara legal e tudo, mas não gostava muito de conversar. Se ele tivesse que me visitar todos os dias, seria um desastre. Aposto que no terceiro dia estaríamos falando só de batata frita e do Manchester City. Sem a possibilidade de pegação (eu ainda tinha um tubo no braço e outro no buraco do xixi – desculpe – e, mesmo que não tivesse, o fato de ter apenas oito dedos nos pés tornava a ideia de me sentir sexy de novo algo bastante improvável), não sei bem se teríamos continuado juntos.

Ficar doente colocou as coisas em perspectiva. Fiquei destruída quando terminamos (ele vinha dando em cima de várias mulheres e, em uma cidade do tamanho de Kidinsborough, essas coisas não ficavam em segredo por muito tempo. Seu argumento de defesa – que nunca teve sucesso – não o ajudava), mas agora a única coisa de que eu sentia falta era o pequeno apartamento que tínhamos alugado juntos.

De qualquer forma, Darr deu ao meu irmão Joe uma caixa de chocolates para me entregar (que Joe comeu no mesmo instante, afinal ele tem 20 anos) e me mandou mensagem perguntando se eu estava bem. Acho que até existe a chance de ele me querer de volta, com ou sem todos os dedos. Ouvi dizer que suas investidas como solteiro estavam sendo tão malsucedidas quanto quando ele estava comigo, mas isso pode ter sido coisa da Cath para fazer com que eu me sentisse melhor.

Sem Claire, acho que eu teria enlouquecido de tanto tédio. Eu havia comprado um celular barato seis meses antes e agora me arrependia por não ter uma distração melhor que o jogo da cobrinha. Li muitos livros, mas há uma diferença entre ler um livro quando se está cansado depois de trabalhar o dia todo e desesperado para entrar na banheira e ler algumas páginas tomando

uma xícara de chá, mesmo que seu irmão de 20 anos fique socando a porta e gritando sobre gel de cabelo, e ler um livro porque não se tem mais nada para fazer.

Além do mais, eu estava tomando muitos remédios e era um pouco difícil me concentrar. Tinha uma televisão no canto da enfermaria que estava sempre no último volume, mas ficava no mesmo canal o dia todo e eu cansei de assistir reality shows com pessoas escandalosas gritando umas com as outras, então eu punha os fones de ouvido. Era muito bom receber visitas, mas eu não tinha nada para dizer a elas além de quanto fluido a ferida estava drenando e outras coisas nojentas, então não gostava muito de conversar.

As enfermeiras eram muito engraçadas, mas estavam sempre com pressa. Os médicos pareciam muitas vezes esgotados e a maioria deles não se mostrava muito interessada – sim, todos estavam interessados no meu pé, mas do tornozelo para cima parecia que não viam nada, meu pé poderia estar acoplado a um gato que ninguém perceberia. E as outras mulheres internadas ali eram velhas. Muito, muito velhas. Do tipo que fazia perguntas como: “Onde estou? Estamos em guerra?” Eu sentia pena delas e de suas famílias ansiosas e exaustas vindo todos os dias para ouvir “Não houve nenhuma mudança”, mas eu não conseguia me comunicar com elas. Nunca tinha percebido que pessoas jovens – mais ou menos jovens – não ficam doentes com tanta frequência. E, quando ficam, vão ou para a ala cirúrgica, para que cortem pedaços glamourosos do seu corpo, ou para a emergência, se recuperar de uma noitada fabulosa que saiu um pouco do controle. Praticamente nunca vêm aqui para a enfermaria, onde ficam os pacientes idosos que têm um milhão de problemas de saúde e nenhum outro lugar aonde ir.

Por isso, era um alívio absoluto me sentar calmamente com Claire e repetir, várias vezes, *avoir* e *être*, relembrar a diferença entre o passado simples e o passado composto e aprender a pronunciar os erres da forma certa.

– Você precisa treinar muito sua pronúncia – disse ela, inúmeras vezes. – Seja francesa. Tenha o sotaque francês mais francês de todos. Imita um Inspetor Clouseau exagerado e gesticule bastante.

– Eu me sinto uma idiota – retruquei.

– É normal se sentir assim até falar em francês e um nativo conseguir entender você.

Praticamos com livros infantis, cartões didáticos e trechos de provas. Foi bom perceber que Claire também estava curtindo, muito mais do que as conversas breves e desconfortáveis que tinha com os filhos – descobri que ela era divorciada havia bastante tempo.

Por fim, certo dia, como um músico ainda hesitante pegando um instrumento, começamos a conversar um pouco – dolorosamente – em francês. Eu tinha mais facilidade para ouvir do que para falar, mas Claire tinha uma paciência inesgotável e era tão gentil ao me corrigir que eu não conseguia acreditar em como tinha sido burra de não prestar mais atenção naquela professora maravilhosa quando tive a oportunidade.

– *Est-ce que tu habitait en France?* Você morou na França? – perguntei devagar em uma manhã úmida de primavera.

Os botões verdes nas árvores lá fora pareciam estar gostando da chuva, mas eles eram os únicos. Dentro do hospital a temperatura era sempre a mesma, uma nave hermeticamente fechada e desconectada do mundo exterior.

– Há anos – respondeu ela, sem me encarar. – E por pouco tempo.



1971–1972

Claire sabia que era a forma mais tola de se rebelar. Mal estava se rebelando, na verdade. Mas mesmo assim. Sentou-se à mesa do café da manhã, olhando fixamente para o mingau. Com 17 anos, era velha demais para comer mingau, sabia disso. Preferia só tomar café, mas essa não era uma batalha que estava preparada para enfrentar. Quanto à outra questão, no entanto...

– *Você não vai à minha igreja usando isso.*

“Isso” era a calça que Claire comprara com suas economias. Tinha trabalhado como vendedora temporária em uma loja no fim do ano. Seu pai teve muita dificuldade em aceitar o fato de que, embora a filha estivesse

disposta a dar duro (o que ele achava muito importante), o trabalho seria em um covil de imoralidade que comercializava roupas de meretriz. Sua mãe, como de costume, devia ter conversado com ele a sós. Ela jamais ousaria contradizer o reverendo Marcus Forest em público. Poucos fariam isso.

Claire olhou para as pernas revestidas de jeans. Tinha passado a vida inteira completamente fora de moda. O pai achava que moda era uma via expressa para o sofrimento eterno. Em vez disso, a mãe fazia aventais, saias longas e vestidos para Claire usar aos domingos.

Mas o trabalho fizera com que a jovem Claire abrisse os olhos, com que se sentisse mais adulta. As outras garotas da loja tinham cerca de 20 anos e eram espertas. Falavam sobre boates, garotos, maquiagem (estritamente proibida na casa dela) e achavam a vida de Claire (todos conheciam o reverendo) curiosíssima. As garotas mais velhas e mais sofisticadas a acolheram, fizeram com que se vestisse de acordo com a última moda, valorizando seu corpo e seu cabelo loiro natural, que Claire sempre achou que lhe dava uma aparência desbotada (embora não houvesse muitos espelhos em casa para que pudesse se ver). Nunca tinha sido convidada para sair por um garoto da escola. Dizia a si mesma que era por causa do pai, mas, no fundo, tinha medo de que o motivo fosse outro. Talvez fosse quieta demais, desinteressante, e o cabelo e as sobrancelhas pálidas às vezes a faziam se sentir quase invisível.

Conforme os dias na loja passavam, foi ficando mais ousada. Isso acabou mal em um fim de semana quando o pai tentava escrever o sermão de Natal e ela chegou em casa com uma maquiagem pesada nos olhos, pintados em verde-esmeralda e esfumados de marrom, com – o que era mais chocante – as sobrancelhas coloridas de marrom-escuro com um lápis que uma das garotas tinha arrumado. Claire olhou sem parar o reflexo no espelho daquela criatura estranha e misteriosa que tinha se tornado. Não era mais pálida e sem cor. Não parecia magra e sem curvas. Era esbelta e glamourosa. Cassie afastou o cabelo claro do rosto de Claire e prendeu a franja infantil, e isso fez com que parecesse mais velha. Todas as garotas curtiram e insistiram que Claire saísse com elas no sábado seguinte.

Claire achava melhor não.

O pai se levantou.

– Vá tirar isso da cara – disse ele, cansado. – Não vai ficar assim debaixo do meu teto.

O pai não ficou bravo nem gritou. Nunca ficava, ele não era assim. Apenas dizia à filha exatamente como as coisas tinham que ser. Na cabeça de Claire, a voz do pai e a voz de Deus, em quem ela acreditava piamente, eram a mesma. Não havia dúvidas.

A mãe a seguiu até o banheiro de cor verde-abacate e lhe deu um abraço.

– Você está linda – falou, enquanto a filha limpava o rosto com força. – Sabe, em um ou dois anos você vai poder ir embora para estudar secretariado ou pedagogia, e então vai poder fazer o que quiser. Não é muito tempo de espera, querida.

Mas, para Claire, parecia uma eternidade. Todas as outras garotas podiam se arrumar, sair e ter namorados com carros antigos minúsculos ou motocicletas aterrorizantes.

– Esse emprego... achei que fosse uma boa ideia, mas... – A mãe de Claire balançou a cabeça. – Você sabe como ele é. Isso está deixando seu pai louco. Só achei que você precisava de um pouco de independência...

Mais tarde naquela noite, Claire ouviu os pais sussurrando no andar de baixo. Percebeu, pelo tom, que a conversa era sobre ela. Às vezes era difícil ser filha única. O pai parecia tratá-la como alguém que estava sempre se metendo em confusão, o que a deixava irritada. A mãe fazia o que podia, mas, quando o reverendo ficava de mau humor, isso podia durar dias e deixava o clima na casa bem pesado. Ele estava acostumado com as duas mulheres de sua vida cumprindo suas ordens sem questionamentos. Mas Claire desejava, mais do que qualquer outra coisa, um pouco de liberdade.

O trabalho temporário acabou no início de janeiro. A loja propôs que ela continuasse aos sábados, e Claire estava doida para aceitar, mas não valia o sofrimento. Então seguiu se dedicando muito à escola, embora soubesse que não ia para a faculdade. O reverendo não era fã da ideia de mulheres frequentando a faculdade e queria que a filha ficasse perto de casa, em vez de ir para York ou Liverpool. Às vezes, tarde da noite, quando os pais já tinham ido dormir, ela ficava acordada assistindo ao filme que estivesse

passando na BBC2, sentindo um ligeiro aperto de pânico no coração ao pensar que ficaria em Kidinsborough para sempre, vendo os pais envelhecerem.

Dois meses depois, no início de março, a mãe entrou na cozinha pela manhã com uma expressão de cumplicidade e um envelope nas mãos. O envelope era azul-claro com listras vermelhas e azuis nas bordas, e viam-se nele letras manuscritas de aparência exótica.

– Bom, está decidido – afirmou ela, quando o reverendo ergueu os olhos de sua metade de toranja.

– O quê? – rosnou ele.

– O verão. Claire foi convidada para ser au pair. – A expressão era desconhecida para Claire. – Você vai ser babá – explicou a mãe. – Da minha amiga por correspondência.

– Aquela francesa? – perguntou Marcus, dobrando o jornal. – Pensei que vocês não se conhecessem pessoalmente.

– Não nos conhecemos – respondeu Ellen, orgulhosa.

Claire olhou de um para o outro. Não sabia nada sobre aquilo.

– Quem é?

– O nome dela é Marie-Noelle e somos amigas por correspondência desde a época da escola – explicou Ellen, e Claire de repente se lembrou dos cartões de Natal que chegavam todos os anos e diziam “Meilleurs Voeux”. – Continuamos trocando cartas... de vez em quando, é claro, não com tanta frequência. Mas eu sei que ela tem dois filhos pequenos agora, e escrevi perguntando se gostaria de recebê-la durante o verão. E Marie concordou! Você vai cuidar das crianças. Ela tem uma ajudante para os serviços da casa, diz aqui... Meu Deus! – O rosto da mãe ficou um pouco tenso e em seguida ela acrescentou: – Espero que eles não sejam muito chiques.

Ela olhou em volta do vicariato, que era bonito, mas tinha móveis simples. O salário de um homem da igreja não era lá muito bom, e Claire sabia que não devia esperar coisas novas.

– Não importa se são chiques. São pessoas decentes? – indagou Marcus.

– Ah, sim – respondeu Ellen, animada. – Tem um garotinho e uma garotinha: Arnaud e Claudette. Não são os nomes mais lindos?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Adorável Loja de Chocolates de Paris" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).